



Universidade de Brasília (UnB)
Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL)
Monografia em Literatura

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO

Autor: Alleson Pereira dos Santos

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa

Brasília – DF

2021

Neste artigo pretendo abordar a leitura literária no Ensino Médio. Em vista disso, ao decorrer da pesquisa, mostro a importância da leitura literária para formar o pensamento crítico e inserir o aluno/estudante nas questões sociais que o rodeia. Além disso, esse artigo tem como objetivo expandir as reflexões sobre a leitura e literatura na escola. Dessa forma, a leitura literária deve abrir portas, mostrar caminhos, formar leitores e apontar novas formas de leitura. De acordo com Candido “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção”.

Antonio Candido, em “o direito à literatura”, ressalta que a literatura tem grande importância também na educação familiar, na educação em grupo e na educação escolar. Além disso, a sociedade produz a sua própria criação literária em decorrência de suas crenças e sentimentos.

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, p. 113).

A literatura é substancial para a aprendizagem da língua portuguesa. À medida que o aluno vai lendo livros, mais ele adquire conhecimento sobre a organização do funcionamento da língua, seja escrita seja falada. Em vista disso, é por meio do ato pedagógico do docente que a aprendizagem acontece. Através das leituras dos livros literários, o leitor exerce sua liberdade e se torna reflexivo, sendo-lhe permitido atingir uma atitude crítica em relação ao mundo que o rodeia, proveniente das diferentes mensagens e reflexões que a literatura dispõe.

O interesse pelas experiências de leitura nos convida a pensar sobre a experiência primeira de leitura e o movimento de empatia que produz uma compreensão profunda do texto. [...] A leitura é sempre uma afirmação de si diante do texto e cada leitura conduz a uma recomposição das representações e do repertório de valores do leitor (ROUXEL, 2012, p. 16-17).

Pensando juntamente com Rouxel, é importante fazer crescer no aluno, por meio de projetos didáticos, o interesse pela leitura, a fim de que ele possa compreender não somente o texto, mas também tirar proveito para formar valores e conduzir uma experiência satisfatória pelo mundo. A literatura também apresenta a seu leitor as diversidades existentes na sua língua materna.

A literatura possui uma linguagem específica e é preciso considerar que a diversidade do discurso literário é ampla e, portanto, a língua é vista de forma bem abrangente. O Ensino de literatura dá esta contribuição extra ao trabalho docente e à formação discente. Além do prazer, através da peculiaridade do texto literário, é possível uma apreciação da língua materna em ampla performance. (OSAKAB, 2004, p.50)

A literatura colabora também para o ensino e aprendizagem de outros setores do entendimento humano. O aluno que mantém a leitura constante quase sempre escreve melhor que aqueles sem o costume da leitura, assim como tem mais clareza para entender o conteúdo das outras disciplinas, posicionando-se no mundo de maneira mais autônoma/consciente. Podemos declarar que a literatura é o agente formador do ser humano como cidadão reflexivo.

No Ensino Médio e também na universidade, trata-se de instituir a subjetividade, de encorajar o leitor a ir mais fundo em si mesmo de modo a descobrir seu próprio pensamento; na aventura interpretativa, é preciso ter a coragem de se aventurar não apenas no desconhecido do texto, mas no desconhecido que está em nós mesmos. Para o leitor, o texto é uma oportunidade de conhecer, de ler a si mesmo (ROUXEL, 2012, p. 20).

De acordo com Cosson:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito da leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e

articular com proficiência o mundo feito linguagem. (2012, p. 30)

Candido (2004) diz que todos aqueles que têm contato com a leitura deve ter a capacidade de passar dos níveis básicos para os níveis mais avançados, a fim de adquirir “cada vez mais conhecimentos e experiências”. (p.9)

Nesse sentido, compete ao professor encorajar o estudante para que ele aprenda a gostar de ler e, subsequentemente, saiba definir seu próprio caminho para conhecer e construir o seu próprio gosto:

É o leitor quem cria, constrói o sentido a partir de seus conhecimentos, em sua expectativa e em sua intenção de leitura. No caso do aluno, porém, a intenção é do professor. Quem deseja que a leitura seja feita porque é importante, necessária para a explicitação de um assunto, para a ampliação de um conhecimento, ou por qualquer outro motivo, é o professor. Só ele pode transformar o que precisa ser lido em algo significativo e prazeroso. (BRAGA e SILVESTRE, 2009, p. 22).

O texto literário é a origem ilimitada de sentidos, em que a cada releitura o leitor se depara com a construção do sentido. O conhecimento literário é um conhecimento estético e artístico, conhecimento que se distancia do pragmatismo científico para indicar novas formas de interpretar o mundo, a vida e os vínculos humanos. Segundo Cosson:

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. (2012, p.17)

Segundo Petit:

O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não

esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo. (2008, p. 28-29)

O aluno traz para si o contexto daquilo que está sendo lido e, com isso, a leitura passa a ter um novo significado. A leitura propõe ao aluno uma visão diferente de mundo, em que ele aprenderá a exercer o seu papel crítico e reflexivo.

[...] a leitura é o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores desencadeiam o processo de significação. Assim, o texto não resulta da soma de frases, nem da soma de interlocutores: o(s) sentido(s) de um texto resulta(m) de uma situação discursiva, margem de enunciados efetivamente realizados. (ORLANDI, 1996, p. 193-194).

Ler, em especial textos literários, é um exercício verdadeiro de produção de sentidos. É por meio da linguagem que o ser humano se relaciona entre si e o mundo que o rodeia, com todas as dificuldades advindas de aspectos sociais, históricos, culturais e ideológicos. Uma boa leitura abre portas para o entendimento e interpretação das atividades simbólicas que qualifica os mais distintos tipos de contato social. Cosson afirma que:

Ler implica troca de sentido não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. (2012, p.27)

De acordo com Rouxel (2012), refletir no ponto de vista da vivência da leitura literária é levar em conta o elo estabelecido entre obra e leitor e no reconhecimento deste com o texto, segundo seu conjunto de conhecimento e também sua vivência, o que, para a autora, seria sua bagagem cultural, formado de “referências pessoais e referências comuns reconfiguradas pela subjetividade do leitor”.

A escritora argumenta que a experiência da leitura literária na escola seja uma ocasião de oferecer aos alunos-leitores diversas probabilidades de ensinamentos e

aprendizagens e também uma “relação feliz entre leitura e literatura” (ROUXEL, 2012, p. 19).

Entretanto, a escola tende a delinear o trajeto contrário para o trabalho com a literatura. A particularidade estética do texto literário tem seu lugar retirado nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio para que se trabalhe outro tipo de aula de literatura que se resume, sobretudo, na exposição histórica de escolas literárias e biografias de autores canônicos. O Ensino Médio prioriza esse tipo de aula de literatura porque é ela que é cobrada nos vestibulares. A literatura experimenta uma enorme atenuação de sua real capacidade como conhecimento e torna-se apenas uma lista de conteúdos obrigatórios para o vestibular:

E, na escola, o fato é que a leitura de obras literárias anda exígua, quando muito, reduzida ao minimamente necessário cumprimento do conteúdo programático. E é de fato a escola, praticamente, o último reduto da matéria literária, como matéria de entendimento dos múltiplos aspectos da nação brasileira, sobretudo, evidentemente, no caso da escola pública e seu duro universo periférico. É nela, principalmente, onde se encontra mais visível o dramático ritual rumo ao desaparecimento da literatura como ensino e matéria de leitura. (CASTELLI, 2008, p. 22)

De acordo com Rezende (2011), na educação básica, em especial o Ensino Médio, não teve uma modificação considerável nas realidades de ensino da literatura e isso estaria vinculado à formação do professor e seu papel de leitor contínuo e reflexivo, visto que seriam motivos fundamentais para que tivesse uma modificação no trabalho com os textos literários. A escritora ressalta que o fato de muitos professores orientarem o ensino de literatura possuindo o livro didático como o principal meio de estudo, sem desenvolverem “uma análise competente do texto” (REZENDE, 2011, p. 274) de forma autônoma e fundamentada em seu conhecimento de literatura, não colabora para aproximar o aluno das obras literárias. Portanto, a atuação do professor fica reduzida a seguir o programa curricular, limitando o estudo literário à leitura e análise de fragmentos das obras. Consoante Neide Rezende:

O manual acaba de fato por sacralizar e canonizar a obra, uma vez que, enquanto não se vê obrigado a mudar pelas

normas oficiais, segue as leis do mercado e reproduz (vender o novo, mas não o original) as mesmas referências literárias, cujos comentários, análises, interpretações são fragmentos colhidos em estudos com autoridade no campo, de modo a consubstanciar a importância emblemática da obra no interior de tal gênero ou período, muitas apresentando como complementares visões distintas e contraditórias. Os conteúdos mantêm-se centrados no estudo de um cânone escolarizado, mas a leitura dessas obras foi substituída pelos resumos e explicações pretensamente históricas (REZENDE, 2011, p. 274).

Ainda de acordo com Rezende:

A leitura literária, por outro lado, está irremediavelmente presente nos programas escolares (ainda às vezes identificada como “ensino da literatura”). Em geral apresentada como “formação do leitor” na segunda etapa do Ensino Fundamental e “sistematizada” no interior da história da literatura no Médio, é considerada, diferentemente da escrita literária, conteúdo prioritário e responsabilidade da escola, não obstante também conduzida na maior parte das vezes de modo negativamente escolarizado, sem abertura para momentos de efetiva leitura, fruição e percepção estética. Infelizmente, as mediações prazenteiras dos professores nos primeiros anos (para as histórias contadas e para as imagens nos livros infantis, na profusão hoje de ótimas soluções plásticas), a exemplo da escrita, também tendem a desaparecer na segunda metade do Ensino Fundamental, quando novas disciplinas entram no currículo escolar e drasticamente diminuem o tempo da leitura literária em prol de exercícios mais objetivos e mais próximos do racionalismo técnico. Práticas de leitura observadas em sala de aula estariam mais próximas de exercícios de compreensão e explicação do texto, quando se faz uso do material didático – ou, com frequência, nem isso.

Quem perde com essa redução da literatura na escola básica é o próprio aluno. A disciplina de literatura deixa de formar para apenas informar. Os alunos perdem a “fonte” de conhecimento única, que, se trabalhada da forma correta, poderia torna-los sujeitos mais críticos, criativos e perceptíveis. A literatura é a percepção para a vida e não para o vestibular. A literatura excita um conhecimento tão inestimável quanto o conhecimento técnico ou científico. A literatura deve continuar na vida de alunos e alunas após o Ensino Médio como instrumento de constante aprendizagem e ensino.

Se a prática da leitura não está incorporada, o desenvolvimento da cidadania também fica comprometido. Se não se lê, não se pode aumentar o repertório crítico. Sem a crítica, o poder de julgamento fica limitado e a capacidade de intervenção e inserção cultural, também. (LOIS, 2010, p. 19)

Em sala de aula, o docente precisa refletir o aluno-leitor e seus conhecimentos, compreendendo que esses conhecimentos são distintos de um aluno para outro, o que sugere aceitar que cada aluno tem qualidades e conhecimentos armazenados na memória de forma individualizada, por conseguinte, há também uma diversidade de leituras e de sentidos em relação ao mesmo texto. Nesse sentido, não quero dizer que o professor aceite como correta qualquer coisa em um texto. A leitura realizada pelos alunos precisa possuir uma relação com a coerência, a fim de evitar construções sem sentido. De acordo com Coelho:

Essa valorização do espaço-escola: deve ser, ao mesmo tempo, libertário (sem ser anárquico) e orientador (sem ser dogmático) para permitir ao ser em formação chegar ao seu autoconhecimento e ter acesso ao mundo da cultura que caracteriza a sociedade que ela pertence. (COELHO, 2002, p. 17).

Desse modo, a aula de literatura precisa trabalhar o aluno para ensiná-lo a ler, a compreender os significados do texto e ajudá-lo a dar novos significados para o mesmo texto. Nesse sentido, Cosson afirma que:

A avaliação não pode ser um instrumento de imposição da interpretação do professor, antes deve ser um espaço de negociação de interpretações diferentes. São essas

negociações que conduzem à ultrapassagem das impressões iniciais individuais e configuram o coletivo da comunidade de leitores. (2012, p. 115)

Nesse sentido, pensando de acordo com Cosson, a avaliação escolar precisa considerar todo o processo de formação do aluno e não somente visar ao resultado final, levando em consideração uma formação contínua. O ensino da literatura em sala de aula deve ter como objetivo, além de levar o aluno à leitura, construir pessoas mais humanas e, com isso, capacitá-los para enxergar com mais clareza as questões na sociedade.

Entendo aqui por humanização... o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CÂNDIDO, 1995, p. 249)

O aluno deve aprender a construir intertextualidade com suas outras leituras, de modo a criar o seu próprio meio de sentidos, a qual instigará a formação intelectual que ele levará consigo para sempre, formação que, apesar da carreira que o aluno seguir, irá sempre marcar a sua forma de pensar e comportar-se no mundo. De acordo com Paulino:

A leitura literária deve ser processada com mais autonomia tendo os estudantes direito de seguir suas próprias vias de produção de sentidos, sem que estes deixem, por isso, de serem sociais. (2005, p. 63)

O docente de Língua Portuguesa, assim como professores de outras áreas, pode narrar a sua história favorita, reescrever uma história para que os estudantes se familiarizem mais com a “brincadeira” literária. Afinal de contas, queremos um aluno que leia um livro somente para responder à prova ou um leitor para toda a vida?

Se o ato de ler implica ler o mundo, mesmo antes, e até depois, de termos acesso ao código escrito, pressupõe-se que entra em jogo toda a experiência existencial do leitor e que, portanto, ler é um processo ativo da interação texto-leitor. Por isso, o professor, no momento em que propõe uma atividade de leitura, deve levar em conta, inicialmente, a condição prévia do aluno. (BRAGA e SILVESTRE, 2009, p.17)

Para Cavalcanti (2009, p.79):

É fundamental que aprender a ler e a gostar de ler tenha um sentido na vida de cada um. Que o leitor se sinta identificado com o lido, que possa exercitar-se numa aprendizagem importante sobre o mundo, as pessoas, a natureza, as lutas, a dor e o amor.

Ensinar a língua portuguesa na escola passa a ter como propósito a promoção do letramento literário do aluno ou também a formação de leitores e leitoras literários, deixando-os capazes de usar a escrita e a leitura de modo satisfatório e adequado nas mais diferentes situações da língua em uso. O poder da literatura concede ao professor de Língua Portuguesa, em especial, entender e repensar sobre o seu ensino. Assim, segundo Todorov:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir, mas para isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário. (2009, p.76).

De acordo com Cavalcanti:

(...) esperamos que a entrada no mundo da leitura seja sempre realizada num clima de entrega e busca pela transformação. Cada educador tem nas mãos uma varinha de condão, e por mais difícil que seja sensibilizar para a leitura, não podemos perder de vista o nosso propósito de não deixar morrer a nossa tradição e cultura, portanto as histórias que falam do que somos e podemos ser. (2009, p.85)

O estímulo à leitura deve ser motivo de preocupação contínua no ambiente escolar. A relevância da leitura, considerada num sentido amplo, provém de sua importância para inserção do indivíduo em uma cultura letrada. Dessa forma, o ato de ler livros literários ultrapassa a capacidade simples de decodificação; a simples habilidade de conceder sentido ao decodificado se baseia na capacidade de entender o que chega até nós através das informações descobertas, analisando-as e posicionando-nos criticamente frente a elas. Dominar as habilidades próprias da leitura oferece ao indivíduo melhores oportunidades no mercado de trabalho e, além disso, formas eficazes de exercer a própria cidadania.

Formar sujeitos sociais, leitores da realidade em que se inserem e capazes de usar a leitura como instrumento indispensável à sua participação na construção do mundo histórico e cultural, implica garantir uma ação educacional voltada para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno da sua capacidade de interpretar construções simbólicas, de modo que este se torne capaz de ler e pronunciar o mundo. (FREIRE, 1982, p.60)

É por meio da leitura que os alunos podem descobrir um mundo cheio de aventuras. Sendo assim, a leitura prazerosa proporciona ao aluno maior absorção das informações que serão armazenadas em sua mente. Logo, faz-se necessário incentivar os alunos a lerem desde cedo para que, ao longo do tempo, possam desenvolver um senso crítico do mundo por meio do objeto lido.

Cada leitura é uma nova escritura de um texto. O ato de criação não estaria, assim, na escrita, mas na leitura, o verdadeiro produtor não seja o autor, mas o leitor [...]

ao ler, o leitor trabalha produzindo significações e nesse trabalho que ele se constrói leitor. Suas leituras prévias, suas histórias como leitor, estão presentes como condição de seu trabalho de leitura e esse trabalho constitui como leitor e assim sucessivamente (SILVA, 2007, p. 42-46).

Considerações finais

Nesse sentido, o aluno que traz consigo uma carga considerável de leitura, juntamente com projetos didáticos que valorizem o processo da leitura, conseguirá explorar o mundo que o rodeia, poderá ter diversas experiências pessoais e aprendizados únicos. Esse tipo de aluno estará a contribuir com o seu próprio desenvolvimento pessoal e intelectual e, assim, estará instalado na realidade social munido de capacidade crítica e reflexiva. Por meio disso, “ocorre o reflexo do mundo externo no interno, ou seja, a interação do homem com a realidade, pensamento e língua criados” (VIGOTSKY, 1998).

Dessa forma, observa-se que é através da literatura que o indivíduo começa a perceber os vínculos humanos ao longo da história e a usar (a literatura) como forma de entender os acontecimentos sociais e históricos. O docente, visando ao desenvolvimento do aluno, propõe debates e discussões a fim de crescer ideias e também o pensamento crítico. Assim, “empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo dela a experiência literária” (ZILBERMAN, 2003, p. 258).

Referências bibliográficas

CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura - vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

REZENDE, Neide Luzia de. Apresentação ao leitor brasileiro. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (Org.). Leitura subjetiva e o ensino de literatura. São Paulo: Alameda, 2013. p. 7-18.

OSAKAB, H. O mundo da escrita. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

ROUXEL, Annie. Mutações epistemológicas e o ensino da literatura: o advento do sujeito leitor. Trad. Samira Murad. Revista Criação e Crítica, n. 9, p. 13-24, nov. 2012.

COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

PETIT, Michéle, Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. Trad. Souza, Celina Olga de. São Paulo, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A Linguagem e seu Funcionamento. As Formas do Discurso. Campinas, SP: Pontes, 1996.

CASTELLI, Marco Antônio de Mello. Literatura, leitura, escrita. In: FERRARO, Maria Luíza et al. Experiência e prática de redação. Florianópolis, SC: UFSC, 2008.

REZENDE, Neide Luzia de. O ideal de formação pela literatura em conflito com as práticas de leitura contemporâneas. In: SANTINI, Juliana. Literatura, crítica, leitura. Uberlândia: EDUFU, 2011.

LOIS, Lena. Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise e didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

PAULINO, Graça. Algumas especificidades da leitura literária. In: PAIVA, Aparecida et. al. (Orgs.). Leituras literárias: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. p. 55-68.

BRAGA, Regina Maria; e SILVESTRE, Maria de Fátima. Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para sala de aula. São Paulo: Global, 2009.

CAVALCANTI, Joana. Caminhos da literatura infantil e juvenil. 3. Ed. São Paulo: Editora Paulus, 2009.

TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 6. Ed. Paz e Terra, 1982.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

